

**ALTERAÇÕES FONÉTICAS
NA DIALECTOLOGIA ACREANA**

Luísa Galvão Lessa (UFAC e IDM)
lessaluísa@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo examina, à luz de alguns trabalhos lexicográficos regionais, particularmente no Dicionário do Acre, as alterações fonéticas ali registradas e apresenta as explicações plausíveis que a ciência propõe para esclarecer e justificar a presença de tais fenômenos. Não se trata de estudo exaustivo, mas de uma amostragem ilustrativa de fatos motivadores para um estudo mais acurado que está a merecer a matéria. O Dicionário do Acre, fonte primeira deste estudo, é resultado de paciente e longa pesquisa regional, do contato direto com as gentes que habitam a fazem a história amazônica. É pesquisa de Pós-Doutorado, com técnicas apreendidas na Université de Montréal, Canadá. Assim, os fenômenos fonéticos aqui arrolados, documentam, sem exceção, uma modalidade da Língua Portuguesa do Brasil, viva, atual, plena de vitalidade e renovação, pois se teve o cuidado de não incluir no estudo nenhuma alteração que não tenha sido apreendida à fala corrente regional.

Palavras-Chave: Geolinguística, Linguagem Regional, Dialectologia

INTRODUÇÃO

É certo que os fenômenos da linguagem apresentam uma grande complexidade e estão a exigir, ainda, profundas explicações. Nesses fenômenos atuam fatores importantes e motivadores de controvérsias. Esses fenômenos são responsáveis pelas alterações na linguagem, tais como o clima, o solo, as raças, a altitude, a vegetação, as relações sociais, políticas, as causas psicológicas, o menor esforço, dentre outros.

Atentando-se para as transformações que sofrem os fonemas no interior de um mesmo idioma, caso particular deste estudo, percebe-se que esse processo transformacional está sujeito a certas normas, invariáveis em determinados condições, variáveis em outras. É desse modo que diferem as leis fonéticas das leis naturais, porquanto umas estão condicionadas ao tempo e ao espaço, as outras são eternas e universais.

A tarefa espinhosa de sustentar o conceito de que as leis foné-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ticas são princípios absolutos, cujo rigor científico pode ser, facilmente, observado, coube aos neogramáticos que puderam, desde então, dar à Linguística o título de ciência, pela segurança que ganhou seus processos. As únicas exceções admitidas eram as variações, em conformidade com outras leis, em razão da analogia.

O estudo não tem a pretensão de ser exaustivo e retratar todas as alterações fonéticas que se processam na região do Acre, mas uma amostragem ilustrativa de fatos motivadores para um estudo mais acurado que está a merecer o assunto.

As alterações fonéticas são mudanças que ocasionalmente sofrem os fonemas em determinadas palavras ou combinações delas. Essas mudanças ocorrem devido à necessidade de facilitar a pronúncia, tanto deste como de outros tempos. Das originadas no passado, muitas subsistem até hoje, mantidas pela tradição ou pela lei da inércia. Já as mais novas inserem-se pela lei da analogia.

As alterações fonéticas podem se apresentar de várias formas, como: acrescentamento ou supressão de fonemas; troca de lugar; permuta de sons; nasalização ou desnasalização; sonorização de fonemas surdos; ditongação; palatização; labialização etc. Esses vários fenômenos são verificados na transformação do latim vulgar em línguas românicas.

Neste estudo, descrevem-se as principais alterações observadas no falar das pessoas na região do Estado do Acre. Os fatos apresentados são fidedignos, colhidos em pesquisa de campo e constam no Dicionário do Acre, trabalho de Pós-Doutorado da autora.

As obras citadas nas referências bibliográficas só foram consultadas num ou n'outro caso passível de esclarecimentos linguísticos maiores, pois muito valeu na execução do estudo a condição amazônica da autora, acreana de nascimento, que estuda a oralidade regional desde o ano de 1983.

AS LEIS FONÉTICAS

É sabido que a transmissão da linguagem não se representa por um todo contínuo entre o indivíduo que fala e o que ouve. O que se observa, na verdade, é uma completa descontinuidade nessa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

transmissão, devendo, por isso, cada geração que surge fazer as mesmas tentativas que as anteriores fizeram à posse da linguagem.

É bem verdade que as experiências linguísticas de uma coletividade não são adquiridas por outra nos mesmos moldes e nas mesmas condições, razão pela qual cada falante possui a sua própria estrutura linguística que, a rigor, não coincide com a dos demais nos detalhes. Assim, cada falante possui o seu idioleto, muito embora não tenha esse falante uma noção clara e consciente de suas próprias e pequenas divergências.

As modificações ou alterações dos sons das palavras, que não ocorrem de um dia para o outro, provêm, em primeiro lugar, da imperfeição das imagens auditivas e, depois, da insuficiência ou dificuldade fisiológica para reprodução fiel do som ouvido.

Como cada geração não adquire as mesmas experiências linguísticas das anteriores e cada falante possui o seu próprio idioleto, é natural, então, que haja, na língua, variações decorrentes desses fatores. E é nessa variação sincrônica que se processa a mudança linguística propriamente dita.

Todavia, para ocorrer uma mudança linguística é fundamental que a variação sincrônica se firme no seio da coletividade. Mattoso Câmara (1974, p. 224), falando sobre essas variações, diz que:

(...) o fenômeno merece o qualificativo de EVOLUTIVO, porque pressupõe uma série de mudanças paulatinas e encadeadas, que não decorrem do intento consistente de inovar.

E logo adiante prossegue o autor:

O falante muda as articulações de maneira subconsciente, debaixo de convicções de que estão sendo respeitadas as articulações tradicionais. E a mesma convicção domina os que ouvem e aceitam a inovação.

O que há de incerto nesse processo de aquisição da linguagem é que a tradição coletiva não pressiona as estruturas linguísticas individuais. Do fato resulta certa flutuação na língua que, a rigor, nem mesmo a norma escolar consegue eliminar. Por essa razão é frequente encontrar variações nos campos fônico, gramatical e sintático.

Depreende-se, então, que só se tem a noção de mudança quando a realização individual do falante coincide com outros cen-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tros de linguagem solidamente organizados. Só ocorre a mudança quando não há reação coletiva e a alteração integra-se à norma da língua.

De outra parte, se a mudança é uma exigência decorrente do tempo e da aceitação da comunidade linguística, impõe-se uma pergunta: por que as línguas não permanecem estáticas? Por que mudam as línguas no decorrer do tempo? A resposta está no fato de o ser humano também mudar e alterar seus hábitos linguísticos. A aquisição da linguagem não acontece uniformemente. E num texto de Eugênio Coseriu (1974, p. 63, 64) há uma claríssima explicação para esse fato, quando ele diz:

A língua muda porque não está feita, mas faz-se continuamente pela atividade linguística. Em outros termos, muda porque é falada, porque existe apenas como técnica e modalidade de falar. O falar é atividade criadora, livre e finalista, e é sempre novo, enquanto se determina por uma atividade expressiva individual, atual e inédita. O falante cria ou estrutura a sua expressão utilizando uma técnica e um material anterior que o seu saber linguístico lhe proporciona. A língua, pois, não se impõe ao falante, mas se lhe oferece: o falante dispõe dela para realizar sua liberdade expressiva.

Posto que o falante não muda totalmente a sua expressão, antes a refaz, adaptando-a as suas novas necessidades expressivas e até mesmo superando-as, caberia dizer que a língua não muda, mudam os hábitos linguísticos de seus usuários.

No caso da Língua Portuguesa, estudando as transformações que sofrem os fonemas no interior da língua, é possível observar, com base nos estudos que se processam em torno do assunto, que essas alterações acontecem de três maneiras, sob os moldes das seguintes leis fonéticas: a) lei do menor esforço; b) lei da permanência da sílaba inicial; c) lei da persistência da sílaba tônica.

De todo o modo, em meio às transformações e quedas dos fonemas, o acento tônico guardou, sempre, a unidade da palavra, razão esta que levou o gramático Diomedes a chamá-lo de “alma da palavra”.

FENÔMENOS FONÉTICOS

Os fenômenos fonéticos constituem o material sonoro da língua, um material sujeito, como todas as coisas, á lei fatal das transformações. Esses fenômenos fonéticos operam nas modificações e alterações porque passam as palavras no curso do tempo.

Verificar tais fenômenos na história de uma língua, no caso a portuguesa, não é necessário buscar o latim, língua mãe, basta observar o próprio português para detectar evoluções bem acentuadas no tempo e, até mesmo, alterações fonéticas diversas em pontos geográficos também diversos no imenso território brasileiro.

Os estudos feitos neste campo, ora pelas pesquisas dialetais ou fonéticas, não é tarefa rara. Embora demorada e difícil, muitos estudiosos já fizeram tal comparação estudando vozes de épocas diversas e lugares também diversos. O resultado é um só: cada geração altera, inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua. Essas alterações só serão perceptíveis no decurso do tempo.

Os estudos feitos, nesse campo, demonstram que as alterações que as palavras sofrem, durante a sua evolução, se processam de quatro maneiras: a) troca de fonemas; b) acréscimo de fonemas; c) supressão de fonemas; d) transposição de fonemas. Essas alterações ou modificações fonéticas denominaram-se chamá-las de METAPLASMOS. E elas se dão de quatro maneiras:

I – Metaplasmos por aumento – fonemas são adicionados à palavra:

1. Prótese (aglutinação) – aumento de fonema no início do vocábulo: recear > arreçar; vexar > aveçar;

2. Epêntese (suarabácti) - aumento de fonema no interior do vocábulo: masto > mastro; idea > ideia; area > areia.

Observa-se, aqui, no meio de pessoas incultas, o acréscimo das vogais /e/ e /i/ para separar combinações consonantais de pronúncia difícil como: dv, dm, bs etc. São exemplos: advogado > adevogado; admitir > admitir; absolutamente > abisolutamente.

3. Paragoge – aumento de fonema no fim do vocábulo: chic

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

> chique; film > filme.

II – Metaplasmos por supressão – eliminação de fonemas na palavra:

1. Aférese – perda de fonema no início do vocábulo: ainda > inda; até > te; inimigo > nimigo; apostema > postema.

2. Síncope: perda de fonema no meio da palavra: Malu > mau; maior > mor.

3. Apócope: supressão de fonema ou sílaba no fim da palavra: fotografia > foto; cinematógrafo > cinema; muito > mui.

4. Crase: fusão de dois fonemas vocálicos iguais e contíguos: coor > cor; veer > ver; door > dor; leer > ler.

III – Metaplasmos por transposição – deslocamento de fonema ou de acento tônico da palavra:

1 – **Metátase:** transposição de fonema da mesma sílaba: pro > por; semper > sempre.

2 – **Hipértese:** transposição de fonema de uma sílaba para outra: festra > fresta; ravia > raiva.

3 – **Sístole:** recuo do acento tônico da palavra: pantânu > pântano; idolu > ídolo.

4 – **Diástole:** avanço do acento tônico da palavra: limite > limite; pônerre > ponere.

IV – Metaplasmos por transformação – substituição ou troca de um fonema por outro: pluma > pruma; planta > pranta.

OS FENÔMENOS FONÉTICOS NO DICIONÁRIO DO ACRE

Considerando que as variações dos sons linguísticos são individuais, uma determinada vogal pode ser pronunciada no seio de uma mesma família ou de uma mesma comunidade de maneiras diversas. Contudo, nenhum falante tem consciência da diversidade dos sons que pronunciam. Assim, as variações são independentes de suas vontades.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O estudo das variedades linguísticas está a indicar uma série de fatores que perturbam a marcha normal das alterações fonéticas. A Geografia Linguística provou que é um erro pensar que o mesmo som aparece sem modificações em todas as palavras que contêm esse som. Também tem elucidado a história das palavras e, portanto, dos sons que as constituem, com base na sua localização geográfica. Provou, ainda, que a palavra viaja de um centro de irradiação para uma localidade qualquer onde é levada por uma pessoa ou por outros meios (livros, jornais, rádio, televisão) e adapta-se à fonética local de tal modo que pode vir a tornar-se irreconhecível.

Após estudar as palavras, no interior do Dicionário do Acre, percebeu-se que os fenômenos fonéticos, mostrados a seguir, são frutos de alterações que se processam ao longo do tempo, mas não são, ainda, mudanças, uma vez que duas formas coexistem no seio da comunidade regional.

Nos metaplasmos por aumento, observam-se os seguintes casos:

1. Prótese: barbelar > abarbelar; lesado > alesado; levantar > alevantar; subir > assubir; tocaiar > atocaiar; petrecho > apetrecho; pregado > apregado; tochar > atochar; trepar > atrepar; vexar > avexar; voar > avoar; pois > apois; montar > amuntar; melhorar > amelhorar; vacinar > avacinar.

2. Epêntese: absolutamente > abisolutamente; adjutório > adijutório; adjunto > adijunto; admitir > admitir; adquire > adiquere; advogado > advogado; infligir > inflingir; mendigo > mendingo; sustança > sutância; meado > meiado; mobilar > mobiliar; pior > peior.

3. Paragoge: produz > produze; faz > faze; mártir > martiri; mucubu > mucubum; lundu > lundum; caxixi > caxixim; mais > maise; nós > noise.

Nos metaplasmos por supressão, observam-se os seguintes exemplos:

1. Aférese: abarrotar > barrotar; abestado > bestado; abirobado > birobado; abodegar > bodegar; acabada > cabada; achinchar > chinchar; afiado > fiado; acoitar > coitar; afobado

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

> fobado; ainda > inda; amaselado > amselado; amuado > muado; aperriado > perriado; apertado > pertado; amofinado > mofinado amasiado > masiado; apragatar > pragatar; arremedar > remedar; arretado > retado; arrojado > rojado; atrofiado > trofiado; avacalhar > vacalhar; avexado > vexado; aviar > viar; avoadado > voadado; azucrinado > zucrinado; encalombado > calombado; encaroçar > carçoçar; engurujado > gurujado; está > ta, você > ocê; entojado > tojado; esgulepado > gulepado; atravessar > trevessar.

2. Síncope: aceiro > acero; aparadeira > aparadera; arteiro > artero; bagaceiro > bagacero; bandoleiro . bandolero; bicheira > bichera; calouro > caloro; canteiro > cantero; cangueiro > canguero; coiteiro > coitero; coradouro > corador; feiteiro > feitero; forneiro > fornero; fumeiro > fumero; mateiro > matoro; pexeirada > pexerada; pouco > poço; próprio > próprio; traseiro > trasero; vaqueiro > vaquero; touca > toca; zonzeira > zonzero.

3. Apócope: aragem > arage; atolagem > atolage; boatagem > boatage; coragem > corage; galinhagem > galinhage; impingem > impinge; paragem > parage; virgem > virge.

No geral, a apócope ocorre com as consoantes finais. Há casos, porém, que o povo, objetivando escapar das palavras proparoxítonas, subtrai muitas vezes não uma só letra, mas até sílaba no final de certas palavras: hipótese > hipoti; meio > mei; vermelho > vermei; ontem > onti.

Nos metaplasmos por transposição ilustram-se alguns exemplos:

1. Metátase: Dormir > drumir; vermelho > vremei; determinar > ditriminá; permite > primiti; atormentar > atromentar; blefar > beflar; cabresto > cabestro; carvão > cravão; retorcido > retrocido; tormenta > tromenta.

Nos metaplasmos por transformação apontam-se uns poucos exemplos correntes:

1. Dissimilação vocálica regressiva por substituição: ralar > relar; remela > ramela; borbuleta > barbuleta; razão > re-

zão; bêbedo > bêbado; lamparina > lamperina.

2. Dissimilação consonântica regressiva por supressão: fraternidade > faternidade; progresso > pogresso; progredir > pogredir; surpresa > supresa.

CONCLUSÃO

Observa-se, no universo da linguagem acreana, que a língua ganha matizes peculiares, conservadores e inovadores, ao mesmo tempo. O fato é que não é necessário estudo acurado da fonética acreana para se perceber que nela impera a lei do menor esforço, com a supressão de consoantes, como /p/, /r/, /b/, em palavras como cum-pa-dí, ta-mém, sem-pi; a supressão de fonemas no início das palavras, como nimigo, trevessar ou travessar, tava, to, têji etc. e outras particularidades que indicam, sempre, uma tendência ao menor esforço, como a passagem de –ai a –ei, que aparece, por exemplo, em palavras como Reimundo, treição.

Outro aspecto a considerar é que a nasal /m/ geralmente perde a nasalidade no final das palavras, como rodage, moage, onti (rodagem, moagem, ontem).

Então, nesse cenário de investigação, observam-se que as causas que determinam a maior ou menor eficiência dos fatores modificadores da linguagem regional deixam de ser exclusivamente linguísticos para se derivarem das muitas condições: geográfica, cultural, étnica, longitudinal e telúrica, que reduzem a ocupação humana, nestas terras, quase que exclusivamente agrícola e extrativista. As atividades industriais e tecnológicas são incipientes.

Desse modo, os fatores aqui expostos, responsáveis pelas alterações e modificações na Dialetologia Acreana não são únicos e típicos do lugar, pois são perceptíveis em outras localidades do país, mas nem por isso são genéricos. As generalizações ameaçam ruir sempre e são perigosas à realidade viva da linguagem. Assim, o que se expõe aqui são alguns fenômenos que podem ser comparados com outros tantos ocorridos no imenso território brasileiro. E, assim, os estudiosos terão amplo material para suas inquirições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, M. Said. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Edunb, 1964.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1975.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1972.

COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1979.

LESSA, Luisa Galvão. *Termos e expressões populares do Acre*. Niterói: Diss. Mestrado, UFF, 1985.

———. *Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. *Revista Philologus*, nº 10. Rio de Janeiro: CíFEFiL, 1997.

———. *Dicionário do Acre*. Trabalho de Pós-Doutorado apresentado na Université de Montréal em março de 2003.

———. *Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre - CEDAC*. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), Campinas, 1990.